



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

AMPLITUDE DA ESCUTA NA PSICOTERAPIA CORPORAL REICHIANA

Cláudia Eliane Rocha da Silva¹
José Henrique Volpi²

RESUMO

O pensamento funcional reichiano, ao propor a análise do caráter do ponto de vista psíquico e somático, fundou as bases da Psicoterapia Corporal. Considerou o dinamismo relacional entre as dimensões histórica, biológica, social e psicológica como determinantes da estrutura biopsíquica. A escuta psicoterapêutica passou a incluir o corpo como objeto de reflexão, cuja chave de leitura é possível por meio da análise caracterológica e da apreensão sensorial.

Palavras-chave: Caráter. Escuta. Psicoterapia. Sensação de órgão.

Após alguns anos investigando o fator econômico-sexual envolvido nos mecanismos que produzem e inibem o prazer, Wilhelm Reich extrapolou metáforas e analogias freudianas do erótico simbólico, e posicionou o corpo e a retomada de sua expressividade como importante fator no processo analítico. Segundo Volpi (2019), as experiências que Reich desenvolveu com os pacientes atendidos na Clínica Psicanalítica mostraram a importância da sexualidade na psicogênese das neuroses.

Suas descobertas no campo energético levaram a compreensão da equivalência dos elementos psíquico e somático na função econômico-sexual. A insatisfação sexual, ou a falta de descarga da excitação sexual, seria a origem dos desequilíbrios psíquicos, do estabelecimento e da retroalimentação da neurose. O orgasmo seria uma função psíquica que teria o importante papel de equilibrar o sistema através da descarga.

Reich (2009) descreveu que a função do orgasmo se revela como um ritmo de quatro tempos: tensão mecânica □ carga bioenergética □ descarga bioenergética □ relaxamento mecânico, e afirmou ser esse um fenômeno biológico fundamental; "fundamental", porque a descarga orgástica da energia ocorre na própria raiz do funcionamento biológico. O movimento da mecânica universal (contração e relaxamento) é espontâneo e intrínseco às formas de vida. A manifestação da função pulsatória não se restringe ao fenômeno orgástico sexual, é um movimento que Reich (2009) definiu como "reflexo orgástico", manifesto em órgãos e funções corporais globais.

A energia é uma premissa que intrigou Reich desde o início, e dedicou toda a sua vida a pesquisa científica a fim de comprovar a realidade de uma energia que permeia toda a matéria-viva. Dadoun (1991, pág. 56) assinala que:



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

(...) a energia é abordada, quer analise as vivências emocionais e os diferentes modos de expressão de seus pacientes; quer descreva as circulações (...) da energia orgástica, para assinalar os momentos de êxtase ou bloqueio, os ganchos, os pontos de ancoragem e rigidez; quer coloque na cena, política ou antropológica, as intervenções repressivas da sociedade, (...), ou quer examine os grandes fenômenos da natureza; (...) etc, Reich trata sempre da mesma realidade primordial, da mesma “energia vital específica”.

Volpi (2019, pág. 126) descreve diferentes conceitos acerca da energia:

A existência da presença de uma energia no organismo vivo é mencionada desde os primórdios da civilização. A medicina chinesa reconhece uma força de energia que denominou Chi, cujo método tradicional da acupuntura foi baseado nesse princípio. Na Índia, essa mesma energia recebeu o nome de Prana. O filósofo Henri Bergson denominou-a de élan vital, o biólogo Hans Driesch, de enteléquia e o psicólogo William McDougall de energia hórmica. Charles Littlefield instituiu o conceito de magnetismo vital, Sigmund Freud falou de uma energia psíquica e Wilhelm Reich da energia orgônio.

No sumário do livro *A Somatopsicodinâmica* de Navarro, Dadoun (1995, pág.13) introduz a visão energética reichiana apontando que, no campo humano, a energia aparece sempre representada:

Simplificando ao extremo, diríamos que ela está ligada nas estruturas biológicas (órgãos, tecidos, sobretudo os musculares) até mesmo quando depositada em estases (energia estagnada), e que está representada nas formações psíquicas, especialmente nos traços de caráter. Estes são como incisões na corporeidade, e irão se manifestar na esfera psíquica e somática. Podem ser observados na reatividade específica da comunicação verbal e não-verbal: tom de voz, linguagem, gestos, modo de reagir, postura, expressões faciais, etc.

Outro conceito relevante a compreensão dos processos de rigidez somática é o de “potência orgástica”, que Reich (1998) definiu como a capacidade de se entregar ao fluxo da energia biológica, sem quaisquer inibições; a capacidade de descarregar completamente, por meio de convulsões involuntárias e prazerosas do corpo, a excitação sexual acumulada. Conclui que, o gozo puramente mecânico não leva a descarga do acúmulo da excitação necessária a retomada do livre fluxo da energia no corpo.

Quando publicou a teoria da *Análise do Caráter*, o autor propôs que a formação do caráter é um processo que se dá de modo relacional, na dialética indivíduo sociedade. O contexto no início do século XX era da ascensão capitalista, trazendo novos valores às relações, e tendo a ideologia cristã como aliada na moralização e disciplinarização dos corpos.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

A estrutura psíquica dos indivíduos, pressionada pelo impacto da assimilação dos mecanismos de normatização dos modos de vida, apresentava uma série de distúrbios patológicos.

Reich (1998, pág. 7) considera que “a estrutura do caráter é o processo sociológico congelado de uma determinada época”, ou seja, se constitui ao longo da história do indivíduo através da qualidade das relações objetais nas etapas do desenvolvimento emocional. Deste ponto de vista, a principal funcionalidade do caráter é gerar a energia pulsional para manter o equilíbrio psíquico e energético. Ele conclui que:

De repente viu-se claramente onde se devia procurar o problema da quantidade: não podia ser senão na base orgânica, “*núcleo somático da neurose*”, a neurose atual que resulta da libido contida. Assim, portanto, o problema econômico da neurose, bem como sua cura, estavam, em grande medida, na esfera somática, isto é, só era acessível por meio do conteúdo somático do conceito da libido. (Reich, 1998, pág. 26)

Aqui se inicia a hipótese de pensar um substrato que foi identificado como manifestação de rigidez muscular em diferentes áreas do corpo e denominada de couraça muscular. Esta seria equivalente a rigidez somática das dinâmicas psicofísicas típicas de cada indivíduo. Portanto, Reich (1998) concluiu que o caráter e a atitude muscular partilhavam da mesma funcionalidade energética, ou seja, integravam uma mesma unidade biopsíquica.

Na clínica, ele passou a atentar aos aspectos comportamentais, dando ênfase ao modo como a história pessoal é contada, e não somente às ideias que determinado conteúdo representavam. O conceito de material analítico passou a incluir, além do conteúdo verbal, a observação do caráter do analisante em seu modo de ser, agir e reagir.

Segundo Reich (1998, pág. 41):

A avaliação unilateral, e por isso incorreta, do material analítico e a aplicação muitas vezes incorreta da tese freudiana, segundo a qual o analista deve partir da superfície psíquica, levam facilmente a mal-entendidos catastróficos e a dificuldades técnicas. Antes de mais nada, o que se deve entender por “material analítico”? Comumente considera-se que são as comunicações, os sonhos, as associações, os lapsos do paciente. Teoricamente, sem dúvida, sabe-se que o comportamento do paciente tem importância analítica, mas experiências inequívocas em seminário mostram que seu jeito, seu olhar, sua linguagem, sua expressão facial, seu vestuário, a maneira de apertar a mão etc., não só são amplamente subestimados em termos de sua importância analítica como, em geral, completamente desprezados.

O foco da análise deveria ser a identificação do caráter e a específica resistência de cada analisante, antes de tomar interpretações precoces ao material comunicado nas sessões.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

Para Reich (1998, pág. 60):

Economicamente, o caráter na vida diária e a resistência de caráter na análise servem como meio de evitar o que é desagradável (*Unlust*), de estabelecer e preservar um equilíbrio psíquico (ainda que neurótico) e, por fim, de consumir quantidades recalçadas de energia pulsional e/ou quantidades que escaparam à repressão. A ligação da angústia que flui livremente, ou (o que dá no mesmo) a absorção de energia psíquica represada, é uma das funções principais do caráter.

O corpo fala através de uma linguagem não-verbal, com seus modos de discurso, de como se movimenta ou se posiciona, a expressão emocional, ou seja, o conjunto de reações e formas são tão relevantes quanto as ideias representativas. Volpi (2019, pág. 62) sintetiza o marco da aproximação de Reich no corpo:

Ao ter clara a relação existente entre estrutura de caráter e rigidez muscular, Reich decidiu quebrar o tabu psicanalítico de não tocar o paciente e passou a trabalhar diretamente na couraça muscular, já que ela contém a história da pessoa, além de aprisionar a energia dentro de si. (...) A dissolução de uma couraça não só libera a energia vegetativa, mas também traz à memória recordação de situações infantis causadoras de tais encorajamentos. Segundo ele, a neurose não é somente a expressão de uma perturbação do equilíbrio psíquico, mas muito mais profundo que isso. É a expressão de uma perturbação crônica do equilíbrio vegetativo e da motilidade natural do indivíduo como um todo.

Em linguagem reichiana, ocorreu a flexibilização da postura encorajada do analista no nível ocular (neurocentrada, mono-ocular) para uma presença integral dos seus níveis corporais (bioenergética, funcional), integrando todas suas funções sensório-perceptivas no processo analítico. Dadoun (1991) afirma que, embora introduza a intervenção física do terapeuta na clínica, Reich não a utiliza exclusivamente, como acredita o imaginário pouco habituado ao seu trabalho, recorrendo até mesmo com mais frequência à palavra e às imagens, bem como à sugestão de certas expressões corporais aos pacientes.

Reich encontrou respostas de como acessar a flexibilização das neuroses por meio do equilíbrio neurovegetativo entre o sistema nervoso simpático e parassimpático. Volpi (2019, pág. 55) narra o marco deste movimento:

Após a saída da Clínica Psicanalítica, Reich retoma suas pesquisas sobre o funcionamento psíquico e somático das neuroses, e se certifica ainda mais da relação existente com o sistema nervoso autônomo. Fisiologicamente falando, numa situação de prazer ocorre uma expansão do organismo como um todo, provocada pela atuação do sistema nervoso parassimpático e, numa situação de desprazer, o organismo se contrai por inteiro, decorrente da atuação do sistema nervoso simpático.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

Dos estudos acerca do comportamento neurovegetativo se desenvolve a Vegetoterapia característico-analítica, cujo objetivo é prevenir a neurose através de exercícios de mobilização chamados “actings”, que consistem em movimentos expressivos a fim de modificar o estado neurovegetativo. O psiquiatra Federico Navarro (1995, pág. 7), responsável por sistematizá-la, descreve a técnica da seguinte maneira:

A vegetoterapia deseja curar o paciente valendo-se de determinadas intervenções corporais (*actings*) que provocam reações neurovegeto-emocionais e musculares capazes de reestruturar uma psicoafetividade sadia, considerada desde o nascimento de um indivíduo. O reequilíbrio neurovegetativo (por ativação do sistema neurovegetativo), acompanhado da análise do caráter (expresso pela linguagem corporal), colocam o indivíduo em condições não apenas de compreender, mas principalmente de “sentir” a sua capacidade, ou seja, o seu eu, e o seu “ser no mundo”, como elemento dialético.

Têm-se o objetivo de descongelar o fluxo energético no corpo, cujos desdobramentos se darão no âmbito físico, psíquico e energético. Isto significa desencourçar, ou seja, retomar a “potência orgástica”. A retomada da livre circulação de energia permite que as ideias fluam, que a percepção da realidade se torne mais nítida, que os afetos represados na rigidez muscular sejam vividos, colocando o analisante em contato consigo mesmo.

Dadoun (1991) destaca que a emoção tem a etimologia de ex-movere: mover-se para fora, e pode ser considerada um movimento pelo qual a matéria vivente se exprime, ou, para empregar a linguagem reichiana, se ex-prime, faz pressão para ir para fora, desenvolve uma pressão interna (premere) num movimento de exteriorização (ex).

No estudo “A biopatia do câncer”, Reich (2009) associou de maneira pioneira o estado psíquico à manifestação da doença orgânica. Seus experimentos indicaram que o encolhimento biopático no câncer é consequência de uma contração crônica e gradual do aparato autonômico vital. Tal contração se trata do mesmo denominador que origina a multiplicidade de neuroses e psicoses: a estase sexual que é energia vital congelada.

Ao longo do percurso da produção de conhecimento reichiano, sua visão dinâmico funcional apresentou a sensorialidade como prioritária para conhecer o estado energético do corpo e como se dá sua experiência da realidade. Bedani (2013) afirma que, da experiência terapêutica observando as reações do sistema nervoso autônomo, Reich dirigiu estudos a um tipo de percepção ligada à função vegetativa: as sensações de órgão.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

A respeito desta, Reich (2003, pág. 66) define como se dá sua apreensão:

Basicamente, a natureza dentro e fora de nós só é acessível ao nosso intelecto através das impressões de nossos sentidos. As impressões dos sentidos são essencialmente sensações de órgãos ou, em outras palavras, procuramos às apalpadelas o mundo à nossa volta através dos movimentos dos órgãos (movimentos plasmáticos). Nossas emoções são a resposta à impressão do mundo que nos cerca. Tanto na percepção como autopercepção, a impressão sensorial e a emoção se fundem para formar uma unidade funcional. Disso se conclui que a sensação de órgão é o instrumento mais importante da pesquisa científica natural.

A sensorialidade seria o meio que permite a reaproximação do ser humano à sua condição primariamente neurovegetativa, que antecederia o desenvolvimento cerebral e intelectual, e estaria submetida à estrutura biopsíquica do indivíduo. Após diversos experimentos voltados ao campo neurovegetativo, Reich (2003) postulou que a sensação é o maior mistério da ciência natural e referiu à obsoleta localização cerebral das sensações e ideias.

Destaca-se a peculiaridade das ideias reichianas na superação da fragmentação das especialidades científicas, e aproximação dos fatores dinâmicos (objetivos) e relacionais (subjetivos) que compõem sua visão sistêmica e funcional. Em relação as visões críticas objetivistas (mecanicistas) e subjetivistas (místicas), que argumentavam contra a realidade biofísica das emoções, Reich (2003, pág. 60) argumentou pela centralidade da sensação na produção de conhecimento:

O ser desencouraçado percebe a si mesmo e ao mundo circundante de uma maneira essencialmente diferente do organismo encouraçado. Uma vez que a percepção de si realmente colore todas as outras sensações, e dado que a sensação é o filtro através do qual o mundo se toma manifesto para nós, o tipo de sensação determina o tipo de percepção e de julgamentos. Essa conclusão é indispensável e irrefutável. Ela se aplica ao ser desencouraçado, bem como ao ser encouraçado – a mim mesmo bem como aos meus oponentes, o objetivista e o subjetivista.

O olhar analítico reichiano se debruçou em observar como se dava no corpo a manifestação das perturbações psíquicas e quais suas possíveis bases biológicas. Identificou restrições da motilidade espontânea e do sistema vegetativo através da escuta ampla, do verbal ao não verbal. No *setting* terapêutico, seus métodos indicam a necessidade de estabelecer uma boa comunicação e conexão com o outro por meio da sensação de órgão.

Navarro (1995) ressalta que a formação do nosso caráter, como dizia Freud, é um processo histórico: desde o nascimento, ou melhor, desde o período fetal, há possibilidades de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

imprinting (grifo do autor) que determinam um certo modo de estruturar-se. Deste modo, a expressividade das marcas adquiridas no período intra-uterino, que se dá em um estágio pré-verbal do desenvolvimento, só teria como se manifestar por meio do sistema neurovegetativo. Daí a importância deste fator para compreensão da condição psicótica e outros estados envolvendo a psicose.

Segundo Navarro (1995), a couraça caractereológica se forma em diferentes localizações e intensidades conforme: a fase ou etapa do desenvolvimento emocional em que ocorreu a repressão do seu livre fluxo, o grau de frustração vivenciado e o sexo da pessoa responsável pela repressão. O ritmo de cada pessoa está diretamente relacionado a sua história, seu “tempo-útero”, “tempo-infância”, etc.

Do encontro do tempo do analista com o tempo do analisante, surgirá um ritmo próprio do processo terapêutico. Temos uma ideia desta atmosfera através do relato de Ola Raknes (1988, pág. 50), aluno e colaborador de Reich, onde descreve como foi sua experiência nas sessões com Reich:

Como terapeuta ele concentrava-se natural e absolutamente no paciente. A sua habilidade em perceber o mais leve movimento, a mais ligeira inflexão de voz ou uma sombra fugaz que incidisse uma mudança de expressão era única, pelo menos dentro da minha experiência. Através desse modo de proceder, alcançava um notável grau de paciência – que eu chamarei de tenacidade – ao conduzir o paciente àquilo que ele havia descoberto e ao fazê-lo experimentar e exprimir o que ainda calava dentro dele. Ele chamava a atenção do paciente sobre uma postura, uma tensão ou sobre uma expressão facial, um dia após o outro, uma semana após a outra, até que o paciente podia perceber e sentir o que isso implicava.

Apesar de haver uma técnica analítica e metodológica, há uma elasticidade necessária à condução do processo terapêutico. As fases do tratamento se dão distintamente conforme cada indivíduo, e cada terapeuta, a partir da qualidade da relação, o contexto, a história de cada um, seu tempo e ritmo próprios.

Quanto ao projeto terapêutico, sua construção é singular e parte da escuta ampliada. No modo de lidar com as resistências, transferências e a própria contratransferência, há de se permitir moldar e acoplar ao outro conforme a simpatia - empatia. Assim como todas as relações objetais, a relação terapêutica é permeada de afetividade. Reich (2003) afirmou que pouco se pode esperar de especulações filosóficas sobre a realidade de nossas sensações se elas excluírem o princípio de que o ego observador, perceptivo (sujeito) e o objeto observado, (percebido) formam, juntos, uma unidade funcional.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

No pensamento reichiano podemos partir da noção de que observador (analista) e observado (analisante) fazem parte do mesmo fenômeno (relação). No âmbito da relação terapêutica, os fatores funcionalidade e sensorialidade se manifestam pela possibilidade da afetividade energética. Na relação objetal, e no manejo das resistências, atenta-se ao próprio feedback corpóreo enquanto investiga-se o que sente o analisante. Parte-se da observação e apreensão sensorial, não dando prioridade a interpretação racional.

Reich (2003) salienta que trata-se de “tornar objetiva a sensação subjetiva, separando-a de seu estímulo e abarcando a origem do estímulo.”, pois, deste modo, é possível “compreender as expressões corporais do paciente identificando-se com ele”. Propõe ainda que, considerando que é característica do vivo estar regido pela mecânica universal de contração (isolamento) e expansão (relacionamento), é possível inferir que a capacidade de se relacionar está ligada a livre pulsação, ou fluidez energética, do organismo.

A qualidade do contato é fruto do estado energético das duas unidades biopsíquicas envolvidas, e pressupõe a observação equânime do outro, cuja leitura se faz do ponto de vista da pulsação, e não dos preconceitos ou visão de mundo. A “sensação de órgão” traz impressões neurovegetativas através do aparelho sensório-motor, de modo que é possível apreender sobre si e sobre o outro por meio de impressões corporais que levam à intuição. Para que isso seja possível, a analista necessita se esforçar para flexibilizar suas couraças.

Navarro (1995) aponta que “os estudos mais recentes tem demonstrado que, na realidade, nós não vemos os objetos, mas os vemos como dinamismo da relação com as outras coisas: aquilo que vemos não é um copo, mas é um copo “dinâmico” em relação à mesa, à garrafa, a nós e a mim que me movo. Dessa maneira, na visão neuropsicológica, surge a percepção que depois se transforma em apercepção. Este movimento é pré intelectual e trata-se de uma inteligência comum a toda a animalidade, que relaciona o efeito (impressões corporais) à causa (representação). Reich (2003) sugeriu que depois de acolhermos essas expressões emocionalmente, deixamos nosso intelecto trabalhar e tornar objetivo o fenômeno.

Portanto, das apreensões sensoriais que escutamos com todo o aparelho sensório-perceptivo, podemos chegar a entendimentos intuitivos acerca do que é comunicado. Objetivamente e subjetivamente, a pulsação do outro pode ser percebida por sua expressividade verbal (tom de voz, enunciados), a qualidade do tônus muscular (hipertônica ou hipotônica), o movimento respiratório (se amplo ou contido), etc. Essa pulsabilidade pode ser sentida pela capacidade empática de apreensão, que é o mecanismo de “sensação de órgão”.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

À prática psicoterapêutica contemporânea, fica o convite de Reich para se flexibilizar afim de estabelecer intenso contato com o outro na clínica. Segundo Dadoun (1991), no sentido estrito, quase material do termo, Reich chega às vezes a colocar-se *ao lado* (grifo do autor) do doente, a acompanhá-lo em sua doença. Ao manter uma postura equânime, de curiosidade e sensibilidade, é possível entrar em contato com suas próprias emoções e, no âmbito destas, perceber que emoções lhe chegam do outro.

Na psicoterapia corporal reichiana, a relação está submetida à mesma ordem das leis naturais e fator bioenergético libidinal, dinâmico e funcional nos elementos que a caracterizam. Relação é estar em contato. É um diálogo de diferentes pontos de vista e de experiências de como se relacionar distintas. Do 1 e do 2, abre-se a possibilidade do 3. A soma dos organismos pulsantes do analisante e do analista formam uma unidade em relação, e esta também terá um traço de caráter próprio, formará resistências, transferências e contratransferências. Deste ponto dinâmico, inspira novas atitudes e autoconsciência da responsabilidade nos processos analíticos.

Destarte suas formações em medicina e neuropsiquiatria, Wilhelm Reich optou por ser livre pensador e cientista natural multidisciplinar, e se aventurou em distintas áreas do saber, como: sociologia, física, biologia, fisiologia, biofísica, história e filosofia da ciência, psicanálise, psicologia, etc. Dadoun (1991, pág. 370) destaca a “extraordinária capacidade de criação concreta” e a “extrema riqueza de seus métodos terapêuticos”. E afirma: “é bem evidente que existe em Reich uma paixão pela terapêutica que o impele a apreender de entrada e a atualizar rápida e sistematicamente as possibilidades práticas de um desenvolvimento teórico (...) Esta famosa ligação da prática com a teoria (...) não é um problema para Reich: é um exercício espontâneo”. Foi um grande humanista contemporâneo, questionador do congelamento de teorias estáticas, e dos modos de vida que suprimem a capacidade humana natural de se entregar ao prazer e a alegria.

REFERÊNCIAS

BEDANI, A. **A relação entre sensação e produção de conhecimento na obra de Wilhelm Reich**. Orientador Paulo Albertini. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2013.

DADOUN, R. **Cem Flores para Wilhelm Reich**. São Paulo: Moraes, 1991.

NAVARRO, F. **Somatopsicodinâmica: sistemática reichiana da patologia e da clínica médica**. São Paulo: Summus, 1995.

NAVARRO, F. **Caractereologia Pós-reichiana**. São Paulo: Summus, 1995.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

SILVA, Claudia Eliane Rocha; VOLPI, José Henrique Volpi. Amplitude da escuta na psicoterapia corporal reichiana. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara. **Psicologia Corporal**. Revista Online. ISSN-1516-0688. Curitiba: Centro Reichiano, 2022, vol. 23. Disponível em: <<https://centroreichiano.com.br/artigos-cientificos-em-psicologia/>>. Acesso em: ____/____/____.

RAKNES, O. **Wilhelm Reich e a Orgonomia**. São Paulo: Summus, 1988.

REICH, W. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REICH, W. **A biopatia do câncer**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

REICH, W. **O Éter, Deus e o Diabo; A superposição cósmica**; tradução Maya Hantower; revisão técnica Ricardo Amaral Rego. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VOLPI, J. H; **Psicoterapia Corporal - Um trajeto histórico de Wilhelm Reich**. Curitiba: Centro Reichiano, 2019, 2ª edição.

¹**Cláudia Eliane Rocha da Silva / São Pedro de Alcântara / SC / Brasil**

Estudante de Psicologia Corporal no Centro Reichiano – Curitiba/PR. Shiatsu terapeuta e Kinesiologista. Terapeuta holística com formações em Reiki Usui (Sandra Caieiro – Santa Maria/RS) e técnicas do sistema de medicina do norte da Tailândia: Reflexologia Podal, Thai Yoga Massagem, Aromaterapia Corporal e Terapia vibracional Tok Sen (Ong's Thai School – Chiang Mai).

E-mail: cacauilimitada@gmail.com

²**José Henrique Volpi / Curitiba / PR / Brasil**

Psicólogo (CRP-08/3685), Analista Reichiano, Especialista em Psicologia Clínica, Anátomo-Fisiologia, Hipnose Eriksoniana e Psicodrama. Mestre em Psicologia da Saúde (UMESP), Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Diretor do Centro Reichiano-Curitiba/PR.

E-mail: volpi@centroreichiano.com.br